

Quando, escreve Rudolf, entre março e dezembro, me foi necessário tomar grandes quantidades de Prednisolona, é preciso que se diga neste caso, para atuar sobre o meu *morbus boeck*, que pela terceira vez se agravara, investiguei em todas as bibliotecas possíveis e imagináveis, reuni todos os livros e documentos possíveis de e sobre Mendelssohn Bartholdy para poder conhecer a fundo o meu compositor favorito e a sua obra – tal era a exigência que punha nesse trabalho – e para, depois deste estudo minucioso que o assunto requeria, poder, com a maior seriedade e paixão por um empreendimento como era este de escrever uma grande obra de rigor científico, que me causara a maior apreensão todo o inverno anterior, o meu propósito fora estudar com o maior cuidado todos esses livros e documentos, enfim, depois deste estudo profundo próprio do tema, exatamente a 27 de janeiro, às quatro da manhã, começar a lançar ao papel o resultado de um trabalho já há dez anos planeado mas nunca realizado, que, pensava eu, iria deixar na sombra o conjunto das minhas obras publicadas ou não sobre a musicologia, isto depois da partida da minha irmã, marcada para o dia 26, dessa irmã cuja presença de semanas em Peiskam destruía, à partida, todas as ideias de eu poder começar o trabalho sobre Mendelssohn Bartholdy mesmo que se tratasse

das ideias mais fugazes. Na noite do dia 26, quando finalmente se foi mesmo embora com tudo aquilo que torna o seu espírito de dominação doentio e cheio de desconfiança que, a maior parte das vezes, a vai roendo, e, por outro lado, dia a dia a estimula contra todos, e principalmente contra mim, e dos temores daí resultantes aliviado, percorri várias vezes a casa, para a arejar bem e para começar a preparar tudo, para começar a ordenar sobre a minha secretária os documentos, as montanhas de apontamentos e de outros papéis com vista ao meu objetivo, segundo aquelas normas que eram sempre os pressupostos de um início de trabalhos, visto que o dia seguinte ia já ser 27. Temos de estar sozinhos e abandonados de todos quando queremos começar um trabalho do espírito! Como seria de esperar, depois dos preparativos, que me levaram cinco horas, das oito e meia da noite até à uma e meia da manhã, já não dormi o resto da noite, torturando-me principalmente a ideia constante de que a minha irmã pudesse regressar por qualquer motivo e viesse dar cabo do meu projeto, visto que, no estado em que se encontrava, era capaz de tudo. Disse para mim, ao mais pequeno incidente, ao menor aborrecimento, ei-la que interrompe a viagem, regressa pelo mesmo caminho e aí está, de novo, não é a primeira vez que a levo ao comboio de Viena e que me despeço dela para uma separação de meses e, duas ou três horas depois, está outra vez em minha casa para ficar o tempo que lhe apetecer. Fiquei à escuta, acordado, todo esse tempo, perguntando-me se ela não estaria à porta, ora me interrogava se não estaria ora pensava no meu trabalho, perguntando-me *como* o iria começar, qual seria a primeira frase – porque eu ainda não sabia como ia ser formulada essa primeira frase, e, enquanto não o soubesse, não poderei começar nenhum trabalho – e, por isso, torturava-me todo o tempo a escutar, perguntando-me se a minha

irmã teria regressado, e interrogava-me sobre qual seria a primeira frase que teria de escrever sobre Mendelssohn Bartholdy, escutava sem cessar e estava desesperado, e sem cessar refletia na primeira frase do trabalho, tão desesperado como antes. Durante essas duas horas, meditei sobre a primeira frase do trabalho e, ao mesmo tempo, escutava, perguntando-me se a minha irmã não teria regressado, para o destruir mesmo antes de eu o ter começado. Por fim, esgotado, acabei por adormecer porque cada vez prestava mais atenção a ver se a minha irmã teria regressado e, ao mesmo tempo, pensava que, *se* ela, de facto, regressar, o meu trabalho sobre Mendelssohn Bartholdy ficará irremediavelmente destruído, e pensava, simultaneamente, como será a primeira frase; quando, assustado, despertei, eram cinco horas. Tinha querido começar o trabalho às quatro horas, já eram cinco, fiquei assustado com este descuido imprevisto, ou melhor, com esta falta de disciplina da minha parte. Levantei-me, embrulhei-me no cobertor, uma manta herdada do meu avô materno, e, com o cinto de cabedal que herdei do meu avô, apertei-a o mais possível, mas de maneira a ainda poder respirar, e sentei-me à secretária. É claro que estava ainda muito escuro. Verifiquei se, de facto, estava sozinho em casa, e, além do bater do pulso, não ouvi mais nada. Com um copo de água tomei os quatro comprimidos de Prednisolona receitados pelo médico e alisei a folha de papel que havia posto na minha frente. Vou acalmar-me e começar, disse para mim. Repeti sem cessar, vou acalmar-me e começar, mas quando já tinha dito isso pela centésima vez, e simplesmente não conseguia deixar de o dizer, desisti. A minha tentativa fracassou. Ao amanhecer já não me era possível começar o trabalho. A luz do dia destruiu definitivamente as minhas esperanças. Levantei-me e fugi da secretária. Fui para o corredor porque julgava poder aí

acalmar-me com o frio, visto que o facto de ter estado uma hora inteira sentado à secretária me pôs numa tal agitação que eu temera, e que quase me enlouqueceu, provocada não só pela tensão do espírito mas também pelos comprimidos de Prednisolona. Apoiei as palmas das mãos à parede fria, método que já muitas vezes se revelara eficaz para dominar esta agitação, e realmente acalmei-me. Tinha a consciência de me ter entregado a um tema que talvez me fosse destruir, mas tinha também julgado poder fazer pelo menos o começo do trabalho esta manhã. Enganei-me, embora ela já lá não estivesse, continuei a sentir, em todos os cantos e recantos da casa, a presença da minha irmã, que é o ser mais inimigo do espírito que se possa imaginar. Só o facto de pensar nela, destrói em mim todo o pensamento, destruiu sempre em mim todo o pensamento, matou no embrião todos os projetos do meu espírito. Partiu há muito tempo, mas ainda me domina, disse para mim, apoiando com força as mãos na parede fria do corredor. Por fim, tive força para retirar as mãos da parede fria e dar alguns passos. O meu projeto de escrever algo sobre *Jenufa* fracassou também, isso foi no fim de outubro, pouco antes de a minha irmã ter vindo cá para casa, disse para mim, e agora falho também no Mendelssohn Bartholdy quando ela já cá não está. Não cheguei a terminar o esboço com o título *Acerca de Schönberg*, ela reduziu-mo a nada, primeiro destruiu-mo, depois reduziu-o a nada, definitivamente, no momento exato em que me entrou no quarto, quando eu julgava poder fazer o esboço até ao fim. Mas contra um ser assim, como a minha irmã, que é tão forte e, ao mesmo tempo, tão contrário à atividade do espírito, uma pessoa não se pode defender, ela vem e reduz a nada o que uma pessoa concebeu durante meses de esforço insensato da memória, sim, de esgotamento da memória, qualquer que seja o trabalho, mesmo

o menor esboço sobre o mais insignificante tema. E nada é mais frágil do que a música a que me entreguei completamente nos últimos anos, primeiro entreguei-me inteiramente à música na prática, depois na teoria, primeiro levei até ao extremo a prática musical, depois a teoria, mas a minha irmã, tal como todas as pessoas idênticas a ela, cuja incompreensão me persegue noite e dia, reduziu a nada todos os meus planos, ela destruiu-me a *Jenufa*, *Moisés e Aarão*, o meu estudo intitulado *Sobre Rubinstein*, o meu trabalho sobre *Os Seis*, tudo, absolutamente tudo o que me era mais sagrado. É horrível, logo que me sinto capaz de fazer um trabalho do espírito sobre a música, a minha irmã surge e destrói-mo. Como se ela concentrasse todos os seus esforços no sentido de destruir o meu trabalho intelectual. Como se sentisse, em Viena, que eu aqui, em Peiskam, estou prestes a abordar um tema, quando o quero fazer, surge e destrói-mo. As pessoas existem para isso, para descobrirem o que é o domínio do espírito e para o destruírem, sentem quando alguém está pronto para um esforço intelectual e vêm para matar esse esforço no embrião. E não é só a minha irmã, a infeliz, a má, a dissimulada, é-o também qualquer pessoa com a mesma natureza. Quantos estudos não comecei e depois queimei, só porque ela surgiu? Eram lançados ao fogo mal entrava. Ninguém pergunta tantas vezes como ela: *Não incomodo?*, essa frase, continuamente nos lábios de uma pessoa que sempre incomodou, que sempre incomodará, cujo único objetivo na vida parece ser o de incomodar tudo e todos e, com isso, *destruir*, e, por fim, aniquilar e voltar sempre a destruir o que para mim é mais importante no mundo, *uma produção do espírito*, essa frase é uma ironia. Já quando éramos crianças, tentava, em todas as ocasiões, perturbar-me, expulsar-me do meu paraíso espiritual, como eu então lhe chamava. Quando eu tinha um livro